

## Um Pouco sobre os Kuikuro:



Há controvérsias sobre a formação da comunidade Kuikuro. Segundo pesquisas arqueológicas mais recentes (FRANCHETO, BRUNA & HECKENBERGER, MICHAEL 2001), a pré-história do Xingu começa por volta de mil anos atrás. Datações de rádio carbono apontam as primeiras ocupações como sendo de povos de língua Aruak, entre 950 e 1050 d.C. Estabeleceu-se, naquele período, o padrão cultural da tradição altoxinguana, reconhecível arqueologicamente por uma indústria cerâmica distinta, padrão de aldeamento e aldeias circulares com praça central, padrão que persiste intacto até os dias atuais.

O alto Xingu é a única área na Amazônia brasileira onde pode ser demonstrada a continuidade da ocupação indígena dos tempos pré-históricos até o presente. Por volta de 1400 d.C., se não antes, as aldeias pré-históricas alcançaram proporções imponentes (entre 20 e 50 hectares), sendo as maiores em qualquer área das terras baixas da América do Sul em tempos pré-históricos. Elas foram erguidas com uma variedade de estruturas, incluindo aterros lineares que marcavam as margens de caminhos principais, praças

centrais e amplos fossos, associados a estruturas elevadas acima do solo, como paliçadas, pontes e portais de entrada. Calcula-se que essas aldeias abrigavam por volta de mil pessoas e que, a oeste do rio Calcine, no Alto Xingu, viviam, provavelmente, mais de 10 mil índios.

O trabalho de Heckenberg e pesquisas sobre a história oral (FRANCHET0, 1992) afirmam que os Carib altoxinguanos entraram na região durante a primeira metade do século XVIII, provenientes do leste. A oeste do rio Caluene, eles encontraram os povos Aruak. Os povos Tupis chegariam algum tempo depois. Há evidências arqueológicas de uma ocupação única entre 1400 e 1500 ao leste do rio Caluene, com três blocos populacionais. Os sítios de Tehukugu possuíam uma casa circular de 55m de diâmetro, datada de 1510, e foram ocupados, posteriormente, pelo grupo Kamayurá e por outros grupos não altoxinguanos.

Localizada a leste, na lagoa de Tahununu, o sítio Kuguhí data de 1610. Trata-se de uma época em que se podia distinguir o complexo oriental Carib, que incluiria os extintos Yarumá (ou Jaruma) e um complexo ocidental Aruak, separados pelo rio Caluene. Em meados do século XVIII, grupos Carib, que falavam a mesma língua, passaram a ocupar territórios a oeste do Caluene, deslocando para o oeste e para o norte os aruak que lá estavam.

Os Kuikuro contam que sua origem se deu após a separação de um grupo liderado por alguns dos chefes do antigo complexo das aldeias de oti ("campo"), situado no alto curso do rio Buriti, provavelmente em meados do século XIX. Os que ficaram em oti deram origem aos que hoje são chamados de Matipu (Wagihütü ótomo). A língua mudou um pouco, dando origem a duas variantes ou dialetos, Matipu e Kiukuro. O novo grupo (Kuikuro) ocupou várias localidades, construindo sucessivas aldeias às margens das lagoas entre os rios Buriti, Caluene e Curisevo, sendo a primeira denominada Kuhikugu. As aldeias antigas eram numerosas e possuíam grande extensão.

Com relação aos documentos escritos, consta na bibliografia pesquisada que o primeiro etnógrafo ao Alto Xingu foi o alemão Karl Von den Steinen, em suas duas viagens: uma em 1884 e outra em 1887 (FRANCHETO, 1992). Há, ainda, referências aos carib altoxinguanos, entre eles os Kuikuro, no rio Culuene. Steinen é lembrado, nas narrativas Kuikuro, como Kalusi, o primeiro branco (kagaiba) que “veio em paz”, trazendo presentes e bens para trocar. Segundo o autor, no Alto Xingu viviam, no final do século XIX, mais de 3.000 índios, em 31 aldeias, das quais sete eram Carib.

A memória oral Kuikuro vai além da visita de Steinen, e remonta aos primeiros encontros com os brancos no Alto Xingu, na segunda metade do século XVIII, época dos bandeirantes, cujas expedições no interior do Brasil capturavam índios (no depoimento Kuikuro “O Aparecimento dos Caraíbas”). Sobre esse fato, Bruna Francheto (2004) afirma que:

Após Steinen, outras expedições científicas e até militares entraram na região e registraram a presença de seus habitantes: Hermann Meyer (1897a e 1897b, referente à viagem de 1896), Max Schmidt (1905 e 1942, referente à viagem de 1901), Ramiro Noronha (1952, referente à viagem de 1920), Vincent de Vasconcelos (1945, referente à viagem de 1924- 25), Vincent Petrullo (1932, referente à viagem de 1931). (Bruna Francheto 1992, p. 79)

A partir de 1915, intensificou-se a exploração no rio Xingu, inclusive com a participação de militares da Comissão Rondon. Os grupos Carib continuavam nas mesmas localidades registradas por Steinen e Meyer. Segundo relatos dos autores, houve um processo rápido de povoamento.

A partir dos anos 1940, um novo capítulo da história dos povos xinguanos teve início, confundindo-se com a história da criação do Parque Nacional.

Agostinho (1974) apresenta uma estimativa trágica do resultado do choque bacteriológico e virótico que ocorreu no período. Entre o final do século XIX e

meados da década de 1950, a população da região havia sido reduzida de 3 mil para 1840 pessoas, em 1926; em 1940, para pouco mais de 700 índios.

Em 1943, foi criada a Expedição Roncador-Xingu (ERX), vanguarda da Fundação Brasil Central, para a ocupação das regiões centrais do Brasil. Nessa época, os irmãos Villas-Boas chegaram à região dos formadores do rio Xingu, e observaram que os povos encontrados descendo o rio Culuene, até a confluência dos formadores do rio Xingu, eram os mesmos povos encontrados por Steinen, na região, no final do século XIX. Nos anos de 1940, também começaram as expedições científicas do Museu Nacional, que registraram um quadro de grandes mudanças.

No primeiro século, depois da celebrada chegada de Cabral à costa brasileira, as grandes comunidades xinguanas sofreram perdas populacionais catastróficas, muito provavelmente como resultado das primeiras epidemias causadas pelas doenças infectocontagiosas, provenientes do Velho Mundo. Verificou-se um declínio demográfico drástico, de 1500 até 1884, quando começaram a ser escritos relatos acerca da história do Alto Xingu. Sugerindo uma redução significativa do tamanho e do número das aldeias em toda a região, da fase pré-histórica tardia até o século XX.

Entre 1884 e 1960, quando começaram os programas de vacinação sistemática no Alto Xingu, a população da região diminuiu quase 80%. A contaminação do grupo com o vírus da gripe e o sarampo causou uma violenta queda da população, que atingiu seu ápice na epidemia de sarampo, em 1954. Por isso, os grupos Carib dos rios Culiseu/Caluene se deslocaram para a região próxima ao Posto Leonardo, ao norte dos territórios tradicionais, porque os índios Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahuhwá, dizimados desde a gripe trazida pela ERX, passaram a depender da assistência médica dispensada nos Postos da FBC – Fundação Brasil Central. Quando teve início a recuperação demográfica, a partir de 1960, graças às campanhas de vacinação, os grupos locais começaram a se organizar para reocupar seus territórios tradicionais, que, na

verdade, nunca foram inteiramente abandonados, mas eram continuamente visitados e utilizados por abrigar sítios históricos, cemitérios e recursos naturais essenciais. A partir de 1980, uma tendência oposta surgiu: os grupos locais foram divididos, originando novas aldeias, num processo de clara recuperação demográfica e de reconstituição da situação original tal como documentada durante o final do século XIX.

Os Kuikuro são, atualmente, o povo com a maior população no Alto Xingu. Eles constituem um subsistema Carib juntamente com os outros grupos que falam variantes dialetais da mesma língua (Kalapalo, Matipu e Nahukwá), e participam do sistema multilíngue conhecido como Alto Xingu, na porção sul da Terra Indígena, localizada no Parque Indígena do Xingu.

A palavra Kuikuro teve sua origem quando o etnólogo alemão Steinen ouvia e tentava registrar o nome de um grupo local, que naquela época, habitava a aldeia Kuhikugu. Ocorreu pela contração de kuhl e ekugu, "kuhl verdadeiro", à beira de uma lagoa com muitos peixes kuhl (Potamorhaphis, fam. Belontiidae). Os habitantes de Kuhikugu constituíram a primeira aldeia de um novo grupo local, que se separou dos grupos Carib do Alto Xingu, em meados do século XIX. Foram eles os fundadores do povo ainda hoje denominado Kuikuro, pelos brancos. A deformação do nome antigo Kuhikugu ótomo se consagrou como o coletivo de seus descendentes, e o sobrenome individual de cada um deles, para os brancos, é Kuikuro.

A autodenominação é dada sempre pelo nome do local ou da aldeia, ao que se segue o termo ótomo, que significa "donos ou mestres". Assim, os atuais Kuikuro são Ipatse ótomo, Ahukugi ótomo ou Lahatuá ótomo, "os donos de Ipatse, de Ahukugi ou de Lahatuá", nome das três aldeias hoje existentes. Muitos idosos, contudo, continuam usando a expressão Lanatuá ótomo, do nome da aldeia, forçosamente abandonada após a epidemia de sarampo, ocorrida em 1954, e que dizimou metade de sua população. Seu território

tradicional é a região oriental da bacia hidrográfica dos formadores do rio Xingu (rios Culuene, Buriti e Curisevo).

Os Kuikuro habitam hoje três aldeias. A aldeia principal e maior é Ipatse, pouco distante da margem esquerda do médio Culuene, onde vivem mais de 300 pessoas. Em 1997, surgiu a aldeia de Ahukugi, na margem direita do Culuene, rio acima de Ipatse, hoje com cerca de 100 pessoas. Mais recentemente, formou-se uma terceira aldeia no local, antiga Lahatuá, com um grupo familiar de uma dezena de pessoas. Fortes e intensas alianças políticas e matrimoniais entre Kuikuro e Yawalapiti ajudaram o ressurgimento dos Yawalapiti como aldeia e como grupo local, a partir dos anos 1950. Como consequência de intercasamentos, outros Kuikuro vivem em aldeias do Alto Xingu, sobretudo naquelas habitadas por outros povos Carib da região.

Cerca de 30 Kuikuro vivem na aldeia Yawalapiti. Atualmente, os Kuikuro de todas as etnias do Parque Nacional do Xingu são os mais presentes na mídia, tanto impressa, quanto televisiva. Eles recebem constantemente visitas de personalidades, como Gisele Bündchen, Leonardo di Caprio, dentre outros, e com eles vem um grupo enorme de jornalistas. Recebem também diversas equipes de programas televisivos, como o Multishow, o Globo Rural, da Rede Globo, e de diversos outros canais de televisão a cabo, que vem realizar diversos tipos de produções, como reality show, entretenimentos, lutas, aventuras, entrevistas, documentários e filmes. Nessas visitas, há sempre técnicos, jornalistas, diretores e produtores que se hospedam na aldeia. Para isto, é montada uma grande estrutura, com cozinha, tendas, banheiros etc, que depois será desfrutada pela comunidade ou destruída.